

Globo Brasil

Nação viável

WALTER FONTOURA

A imprensa internacional não tem, digamos assim, boa impressão do Brasil. Nem pode ter. Quase tudo o que se publica no exterior a nosso respeito não é lisonjeiro. E o que se poderia publicar de bom (apesar de tudo, há coisas boas) não chega a atrair a atenção dos editores, e muito porque nós também não fazemos o mínimo esforço para projetar melhor imagem do Brasil.

No fim do ano passado, a prestigiosa revista inglesa "The Economist" fez uma lista dos melhores lugares do mundo para viver, e é quase uma surpresa que figuremos nela, embora entre os últimos. Para elaborar sua lista, o "Economist" arrolou quesitos — além da renda, telefones e automóveis por habitante, por exemplo. No item liberdade, em que os Estados Unidos e a Suíça levam nota 1, o Brasil leva nota 3, que não é a pior nota, é verdade, mas qualquer brasileiro sabe que nós gozamos pelo menos da mesma quantidade de liberdade de que gozam americanos, suíços — e ingleses. Ao contrário: quase tudo que não pode, lá, pode aqui. Um dos nossos problemas não será falta, mas excesso de liberdade.

Em todo caso, o "Economist" há de ter tirado de alguma fonte confiável os dados que o levaram a dar-nos nota baixa. Confiável para eles, lá da revista, pelo menos. Pior foi o que aconteceu há algumas semanas, quando acordamos todos para ficar sabendo, segundo relatório atribuído à ONU, que o Brasil, em matéria de distribuição de renda, está pior que Botsuana. Incrível, a desinformação geral sobre Botsuana. Mal se sabe onde é, neste mundo em que todos os dias os jornais dão conta de novos e até aqui insuspeitados países. Nos meios mais cultivados, tem-se como certo que Botsuana fica em alguma parte da África. A crer no que dizem as enciclopédias, talvez fosse mais razoável comparar Botsuana com a "nação ianomâmi", mas a ONU, por alguma insondável razão, há de ter preferido, como o "Economist", acreditar nas estatísticas. De qualquer modo, é notícia cho-

cante, ainda mais para quem, há apenas alguns anos, descobriu que somos a oitava ou nona economia do mundo. Embora uma coisa não dependa necessariamente da outra, é chocante. Atribui-se, em parte, esse atraso ao fato de que pagamos pouco imposto, ou a que nem todo mundo paga, ou ainda a que quem paga, não paga o que deveria pagar. Botsuana deve ter um fisco sueco, e o Itamaraty deveria providenciar, urgentemente, um acordo de intercâmbio político, comercial e cultural com aquela potência emergente. A começar pelo cultural, a ver se ao menos o Aurélio registra, numa próxima edição, o gentílico dos nascidos lá.

Que a distribuição de renda entre nós não é boa, não o precisava ter dito a ONU. Há muitos anos, já identifica-se entre nós a cruel concentração da renda, e a pregação da campanha de quase todos os candidatos tenta, de um modo e de outro, firmar a convicção de que seu programa é o mais adequado para corrigir a distorção.

São questões perturbadoras, na análise da realidade de um país onde não falta, nos meios mais abalizados, quem estime em mais de 50% do PIB a chamada economia informal. É mais que evidente a situação de desamparo em que se encontram milhões de brasileiros. No entanto, faz algumas semanas, a nossa "Veja" registrou, num pequeno quadro, pesquisa do Ibope segundo a qual 50% dos brasileiros estão felizes com a vida que levam — e, 5%, "muito satisfeitos".

Também não se sabe muito bem que dados compulsou o Ibope para chegar às suas conclusões, no nosso quadro de tão evidentes carências. Em todo caso, agora que Fernando Henrique alcançou e passou o candidato do PT nas pesquisas de intenção de voto, é preciso que ele vença a eleição já no primeiro turno, para implementar de uma vez o plano de estabilização econômica. Até lá, tudo conspira contra. Somos uma nação viável, e até mesmo a massa que não está contente, na pesquisa do Ibope, conspira a favor da estabilidade e do fim da inflação.